

associação dos estudantes de ciências

REUNIR, DECIDIR, EXECUTAR!

A SITUAÇÃO EM QUE NOS ENCON- tramos

1 - O autoritarismo dos professores, a imposição de programas mínimos etc...

Que se tem passado nos últimos na nossa Faculdade?

Na cadeira de Mecânica Quântica (3º Ano de Física) o professor pretendia impôr 8 capítulos de matéria como "programa mínimo" para o exame, quando a matéria dada nas aulas apenas correspondia a 5 capítulos e meio. Depois de muitas insistências de alguns estudantes, o professor acabou por "descer" para 6 capítulos, só havendo um único exemplar dos apontamentos da matéria não dada por todos os estudantes.

Naturalmente, os problemas que se levantavam aos alunos da cadeira não "incomodavam" o Sr. Professor, na sua posição autoritária e intransigente. E, como é evidente,

os pedidos, as insistências pessoais, etc. nada faziam para resolver esses problemas. Apresentaram-se a exame menos de um quarto dos estudantes inscritos.

Na cadeira de Geologia (2º Ano de Engenharia Civil) o professor que inicialmente afixara os sumários durante os dias de greve, acabou por retirá-los e estabelecer um "programa mínimo".

"O problema foi focado na primeira Reunião de Curso, tendo sido desmascarada essa medida, como tendente a quebrar

SUMÁRIO

Reunir-Decidir-Executar	1
O que é a AE	4
GORILAS	8
As folhas pertencem...	13
cdul	14
Noticiário Federativo	16

orgão da aefci

luta que os estudantes desenvolviam, e considerado que matéria não dada não poderia fazer parte do programa para exame.

No entanto, a todas as tentativas de esclarecimento da situação, o professor respondia invariavelmente que não retiraria a matéria não explicada, alegando que muito já contribuíra, ao emprestar os apontamentos por onde se guiava e ao aconselhar bibliografia sobre o assunto"(1)

Esta bibliografia era muito extensa e de difícil consulta e os tais apontamentos eram praticamente indecifráveis e com gralhas"(1)

O professor manteve sempre a posição intransigente continuando nas aulas a despejar matéria que, mesmo assim, 4 dos 9 capítulos do programa mínimo.

Em face de tudo isto, os estudantes reuniram e decidiram boicotar a época de Fevereiro, até que a matéria de exame fosse a exposta nas aulas.

No curso de Matemática, desde há alguns anos, têm sido os estudantes a elaborar os mapas dos seus exames (dos 3 primeiros anos) a partir da Comissão de Curso, sendo depois aprovados em Reuniões de Curso. No entanto, este ano, a Secretaria impôs à vontade as datas que pretendeu (pro-

vavelmente as que "faziam mais jeito aos professores") sem se preocupar com os prejuízos que isso causaria aos estudantes que ficaram, em muitos casos, com exames praticamente sobrepostos.

Muitos outros exemplos poderíamos apontar sobre problemas que foram surgindo aos estudantes e que se foram agravando com a aproximação dos exames (por isso se prevêm grandes percentagens de chumbos em diversas cadeiras como Computadores, Álgebra Linear, etc.)

Mas, que encontramos de comum em todos eles e que conclusões podemos, desde já, tirar ?

É evidente, desde logo, a tentativa de regresso ao autoritarismo dos professores que temos vindo a combater sistematicamente nos últimos anos. Ela traduz-se, em particular, pela imposição de programas mínimos para os exames apoiada nas posições "intransigentes" e "inflexíveis" em relação aos interesses e necessidades dos estudantes.

Alguns professores têm mesmo afirmado que não explicam a matéria porque ela poderia ter sido dada se não tivesse havido greves... Por outro lado é notória a tentativa de

(1) Transcrito do Improp 2, Suplemento da CC da Engenharia

acelerar cada vez mais o ritmo de estudo a que se submetem os estudantes, a par do aumento também do "ritmo de despejo" da matéria nas aulas (neste momento, o programa mínimo de algumas cadeiras é igual ao de quando elas eram anuais!!)

Essa tentativa de aceleração do ritmo de estudo provém no entanto doutros aspectos que já vêm do ano passado, São eles as faltas, os testes eliminatórios e obrigatórios, a afinação de horários etc.

Uma outra conclusão que poderíamos tirar é a de que, praticamente, não existiu uma resposta nossa devidamente organizada. O "processo" de Engenharia foi a única excepção.

2 - De que maneira está isto relacionado com as suspensões e incorporações.

O afastamento de alguns colegas nossos (através das suspensões e incorporações no Exército Colonial), precisamente daqueles que sempre se colocaram à frente da luta dos seus cursos, visa por isso, a curto prazo, conseguir a nossa desorganização, a desagregação das nossas estruturas associativas - numa palavra, a incapacidade de respondermos eficazmente às suas arbitrariedades e imposições.

Por outro lado, e a par do clima de terror que, desde o princípio do ano procurou instaurar na Fac, o CE pretende

fazer pairar sobre os estudantes o "espectro das suspensões" a ameaça constante de utilização da sua "autoridade" arbitrária.

II COMO SAIR DESTA SITUAÇÃO

1- Como nos encontrávamos em 70/71 e como orientámos então o trabalho

Nós já estivemos numa situação de certa maneira semelhante à actual. Na verdade, no começo de 70/71 a situação da nossa Faculdade era semelhante: os profs faziam o que lhes dava na "realíssima gana", e se alguma vez os estudantes tentavam lutar contra isso (de sordenadamente...) imediatamente choviam as marcações de matéria (muitos "mestres" especializaram-se até, neste tipo de "aulas"...), as ameaças, as faltas..... e as lutas sosso-bravam.

Foi, começando-nos a organizar em C. de Curso, começando a manter uma imprensa estudantil não controlada pelas autoridades, que conseguimos quebrar o autoritarismo, conquistar o direito à livre informação etc...

2 - algumas conclusões para a nossa situação actual

quando dizemos que a nossa situação actual é de certa maneira, análoga, fica escondido um facto importante, nestes anos ganhámos uma experiência inestimável, aprendemos que, para se conseguir lutar, não poderemos estar com pedin

O QUE SÃO AS ASSOCIAÇÕES DE ESTUDANTES

A A.E.F.C.L.

INTRODUÇÃO

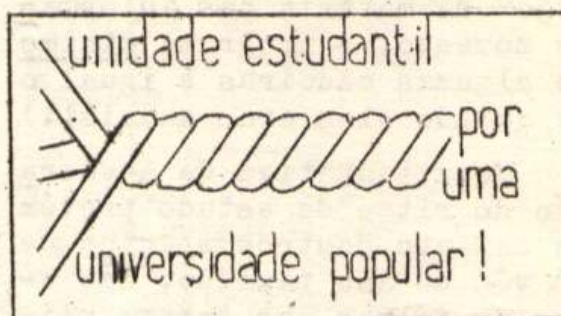
Serve este artigo para aqueles que, por terem entrado este ano para a Faculdade não sabem bem o que é uma Associação de Estudantes e não percebem porque é que em Ciências não há uma AE como em outras Escolas (com salas, máquinas, cantina gerida pelos estudantes etc...) embora apareça cá um jornal assinado pela Associação e cá exista reuniões e movimentações, coisas que não existiam na maior parte dos liceus donde viemos.

Muitos de nós pensam ainda, aliás pressionados pelos discursos que nos passaram em casa quando entramos para a Faculdade (do estilo: não te metas em nada, se te convidarem para alguma reunião, ou outra "coisa" diz que não podes, que tens que fazer etc) Que as AAEE são organizações do "contra", que metem ideias nas cabeças dos estudantes.

Vejamos resumidamente

O QUE É UMA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES

O fim das Associações de Estudantes, quando foram cri



adas era a prestação de serviços, isto é, editar sebetas, serviço de cantina, etc. (era isto a que o Governo as reduzia, com a imposição sistemática de Comissões Administrativas, etc) Porém, de alguns anos para cá, começaram a exprimir um caracter sindical vincado, na defesa dos interesses dos estudantes.

Assim, organizados a partir das AAEE, começamos os estudantes a combater os professores autoritários ou que nem a matéria sabiam explicar, contribuindo ao mesmo tempo para a aquisição de um nível cultural mais elevado.

Com a experiência de vários anos de luta viu-se que para defender de facto os interesses dos estudantes, tinha-se de lutar por uma Universidade que, não só estivesse ao alcance de toda a população, como ainda por uma Universidade verdadeiramente ao serviço da classe trabalhadora, por uma UNIVER

SIDADE POPULAR.

Foi assim que o papel desenhado pelas AAEF começou a ganhar um cunho verdadeiramente progressista.

Muitas vezes quando ouvimos falar em Associação, somos levados a pensar apenas em salas de reunião, em secção de folhas, em cantina, etc, ou seja, em instalações associativas. Isto é no entanto uma ideia errada pois as Associações são também constituídas pelas suas estruturas (comissões de curso, reunião de colaboradores, etc...) e todo o trabalho que a partir delas se pode desenvolver.

A NOSSA ASSOCIAÇÃO - AEFCL

Durante 3 anos (65-68) existiu na nossa Faculdade uma Comissão Administrativa nomeada pelo Governo para substituir a Direcção da Associação eleita. A partir de 68, porém, esta voltou para a posse dos estudantes que passaram novamente a eleger democraticamente a direcção da sua associação, e a controlar inteiramente a sua actividade. Nessa altura, o Governo contentou-se em roubar-nos a Cantina, oferecendo-a aos "famosos" Serviços Sociais....

Só em 70/71, no entanto, se arrancou em força com o trabalho associativo. Começavam nesse ano a aparecer as primeiras manifestações da Reforma Veiga Simão na nossa Es-

cola. Organizados a partir das Comissões de Curso, lançámo-nos à conquista de liberdade de informação nas turmas, combatemos os professores autoritários, as marcações de matéria...nas vitrines, culminando com boicotes a aulas e exames até à satisfação das exigências estudantis. Discutimos o aparecimento da Reforma, o papel do CE etc.

O ENCERRAMENTO DAS NOSSAS INSTALAÇÕES

Em maio de 71, ao fim do ano que foi de facto o do arranque do trabalho associativo em Ciências, os estudantes resolvem, tal como todos os seus colegas de Lisboa, informar a população sobre a verdade das lutas estudantis sistematicamente deturpada pelos jornais, rádio, Tv (todos perfeitamente controlados pelo Governo).

São presos vários colegas nossos na rua da escola politécnica, aos portões da Faculdade. Os estudantes de Ciências resolvem então ir distribuir em massa comunicados para a população.

Na noite de 28 para 29, porém, a Polícia invade a nossa escola por ordem do Governo e sela as instalações principais da nossa AE, incluindo a Secção de folhas. Teve nessa altura "papel de destaque" o nosso conhecido pido Costa (datilógrafo da Secretaria)

que comandou a invasão indo-
cando aos seus colegas onde
deveriam ir...

O Governo viria a justifi-
car-se com a alegação de que
existiam "700 Kg (!!) de pro-
paganda subversiva" nas nos-
sas instalações. Mas os es-
tudentes sabiam bem o que se
passava. E foi assim que uma
RGA, com a presença de um mi-
lhar de estudantes, decreta
GREVE a exames.

O trabalho associativo conti- nua

O boicote a exames viria
a ser levantado. Entretanto a
FIDJ aproveitara o verão (as
férias...) para perseguir os
nossos dirigentes.

O ano de 71/72 começou e
as instalações da AE continu-
avam (como continuam) fecha-
das. Nós sabíamos, no entan-
to que isso não era o fim da
nossa Associação. As comis-
sões de curso começaram a
trabalhar nos problemas de cur-
so. Mantinha-se a nossa im-
prensa com uma certa regula-
ridade assim como as informa-
ções nas turmas, cartazes etc.
A direcção da AE regressa e
é reeleita na primeira RGA
que se efectua em Dezembro.

O Governo não prende a
nossa direcção.

O trabalho do ano anterio-
r tinha dado os seus frutos
Nós sabíamos que as instala-
ções associativas eram, como
vimos, apenas uma parte de

nossa Associação, a única a-
liás que o Governo podia fá-
cilmente roubar...

Quer isto dizer que o fa-
cto de possuírmos instalações
(e máquinas...) não é impor-
tante para nós?

É evidente que não. E os
estudentes que já frequenta-
vam a Faculdade em 70/71 sa-
bem-no bem. O facto de possuí-
rmos instalações (salas
grandes etc...) permitia-nos
manter facilmente um convívio
contante com todos os
nossos colegas, a existência
de salas de propaganda facilitava
a feitura de cartazes
que rapidamente davam infor-
mações ou convocavam reuniões
a existência de uma secção de
folhas com toda a sua apare-
lhagem técnica permitia a sa-
ída rápida e em boas condi-
ções das revistas, ao mesmo
tempo que permitia também man-
ter uma informação regular e
actualizada através de improp
etc...

Quer dizer: quando surge
por exemplo um problema em de-
terminada cadeira de determi-
nado curso, nós precisamos de
rapidamente informar todos os
nossos colegas, convocá-los
para reuniões, editar textos
tentando explicar porque sur-
ge naquela altura um proble-
ma com o prof x ou com a ca-
deira y, publicar as propos-
tas que eventualmente venham
a ser aprovadas, etc... em
suma, manter todos os estu-
dantes a quem o problema diz

respeito informado ácerca do desenrolar do processo e com possibilidades de participar colectivamente na sua resolução.

Em conclusão: as instalações associativas e o seu a-relho técnico são, na realidade uma "parte" importante da nossa associação e bastante úteis no decorrer da actividade associativa dos estudantes.

COMO ENCARAMOS A REABERTURA DA AE

Entretanto 71/72 foi o ano do aparecimento da Reforma, nos cursos de licenciaturas, e, com ela, o levantamento de inúmeros problemas para os estudantes. Os propósitos do Governo eram os mesmos que agora, embora mais dissimulados então e mais "descerados" actualmente: impôr a todo o custo a sua reforma, passando por cima dos nossos interesses.

Esses problemas começaram surgir em Cadeiras: Introdução à Física da Matéria, para os estudantes de Matemática, na Física Laboratorial para os de Física, etc. Depois foram os testes eliminatórios e obrigatórios, as faltas, etc. E culminaram com a abolição da época de Outubro, passando pela tentativa de aniquilamento dos nossos direitos

de informação e reunião, nomeadamente com a presença de gorilas, etc.

Muito mais se poderia dizer sobre os problemas que tivemos no ano passado, desde as vergonhosas atitudes de alguns profs que, com denúncias de estudantes, estiveram na origem de alguns processos disciplinares (destaque para o célebre "RR", claro!) até à "história" do Passos Coelho que passou o ano a "dar aulas para as vitrines" (quer dizer não dava aulas, mas afixava matéria), mas que acabámos por conseguir que desaparecesse da nossa escola.

Mas, os exemplos apontados chegam bem para mostrar que nós não poderíamos ficar parados, deveríamos debruçar-nos sobre os muitos problemas que nos surgiram (alguns apenas de curso, outros respeitantes a todos os estudantes), deveríamos continuar a lutar. Em suma, o trabalho associativo teria, na prática de continuar. Como continuou.

E se, por um lado, como já vimos, a parte da nossa Associação que nos foi roubada e selada era (e é) importante, por outro a necessidade de não parar impunha-nos que, mesmo que não conseguíssemos a reabertura integral da AE (como aconteceu) nós

(cont pag. 12)

O QUE SÃO as AAEE - a aefcl



QUEM SÃO OS "VIGILANTES," PARA QUE SERVEM

Eles são "antigos paraquedistas, ex-fusileiros e ex-comandos que resolveram continuar a cumprir o seu dever em defesa da Pátria. Estão a ser treinados no Estádio Nacional, constando da sua preparação treinos de JUDO. Sabe-se que estão a receber há bastante tempo o seu ordenado (rondando os 4 contos)"

in IMPROP 12-Abril 72 -
-transcrito do Contra-Informação n.6).

Seguiam-se os nomes aos "heróis", daqueles que já no ano passado "frequentavam a Universidade", mais ou menos fixados em Direito mas tendo aparecido também, embora por pouco tempo, em Ciências e no Técnico.

Os gorilas não são portanto uma novidade. Mas esta questão ganha de novo actualidade com a sua recente legalização — com o nome de "vigilantes".

Para que servem os gorilas ?

Por um lado, o recurso sistémico às intervenções policiais dentro das Escolas tem para o Governo que as utiliza, algumas desvantagens — ele provoca a justa indignação dos estudantes e também da população que muitas vezes se coloca ao lado destes, compreendendo as razões das suas lutas e aderindo a elas.

Ter à mão, a qualquer momento, dentro da Faculdade os recursos que evitam a chamada da Polícia — assim apresentava há pouco tempo o Director de uma Escola como justificação para o aumento dos "contínuos".

Mas este não é o aspecto mais importante da existência dos gorilas, pois o Governo quando precisa recorrer mesmo às "forças da ordem" com o brutal aparato (ainda estamos recordados das invasões do Técnico e de Económicas no ano passado).

Razão principal é conse -



EM

COMO DEVEMOS COMBATÊ - LOS

guir a infiltração policial dentro das Faculdades, junto aos estudantes. A actuação dos gorilas nas Escolas mostram-nos claramente porquê e para quê eles lá estão.

Em Ciências em Abril 72

No ano passado, em Abril, Almeida Costa chamou-os para Ciências onde estiveram apenas dois dias. Nessa altura, os estudantes lutavam decididamente pela abolição de um inquérito aberto pelo CE aos "Actos de indisciplina académica". Estava convocada uma RGA. E ainda o improprio 12 que nos conta:

"Na manhã de sexta-feira o Director-polícia informou um estudante de que a RGA estava proibida, tendo-se verificado posteriormente a entrada na Faculdade daqueles que deveriam assegurar a decisão do "hosso" "competente" Director: os PIDES - GORILAS !

Estes penetraram no corredor principal, rasgaram os cartazes, poli-

ciaram as aulas. Como a reunião estivesse marcada para o Pevilhão ocuparam o seu interior tentando impedir que aquela se realizasse. Entretanto os estudantes reuniram-se na Avenida das Palmeiras, realizando aí a RGA tendo aprovado por aclamação..."

E mais adiante:

"para fazer cumprir as decisões da RGA organizaram-se piquetes que se distribuíram por toda a Faculdade.

Os Gorilas começaram a provocar e empurrar os estudantes presentes nos piquetes chegando a agredir alguns. A greve é garantida pela recusa massiva dos estudantes em participar em aulas enquanto os pides permanecem sem na Faculdade. A RGA iniciou-se com cerca de 500 estudantes presentes..."

Durante a sua realização, apareceu um sujeito "com ar tu

G O R I L A S cont.

rista" a tirar fotografias aos gorilas e estes aproveitando-se do facto, investiram contra a reunião começando a agredir os estudantes presentes. Estes responderam e "passado que foi o momento inicial de surpresa e desorganização, os estudantes carregaram-se de pedras, obrigando os gorilas a fugir pelo portão".

No dia seguinte (sábado) os pides tentaram impedir a realização de um meeting mas novamente sem exito. Na segunda-feira seguinte abandonaram finalmente a nossa escola.

Aqui encontramos portanto a primeira resposta à nossa pergunta inicial: os gorilas servem para arrancar cartazes, tentar impedir reuniões, policiar as aulas, agredir e provocar estudantes

No Técnico, durante a greve a exames.

Foi durante o boicote a exames no Verão passado que os gorilas apareceram no Técnico. Com o Instituto completamente cercado pela polícia e as entradas rigorosamente controladas, os estudantes não conseguiam entrar em grande número para os piquetes e, dentro da es

cola, os gorilas procuravam assegurar a realização dos exames. De resto, poucos se fizeram e com um número mínimo de furas.

Mis a segunda resposta: os gorilas servem para colaborar com a polícia (e com as autoridades académicas evidentemente) na protecção aos estudantes traidores que pretendem ir contra as decisões democráticas.

Muitos outros exemplos poderíamos apontar (em Direito recentemente nos exames de Medicina, etc.) a respeito do "palmares" destes individuos mas os que indicámos parecem ser suficientes.

Colaboradores do C.E.

É o próprio decreto que cria os ditos "vigilantes" que indica mais algumas actividades a que eles se deverão dedicar: espiar os estudantes, detectar "actos de indisciplina académica", fazer de nuncias, etc,

Quer dizer: as autoridades académicas sentiram a necessidade de alargar a sua extensa rede de denunciantes. o número de bufos que mantem ao seu serviço com o fim de descobrirem e afastarem os estudantes "indesejáveis".

cont.

G O R I L A S

Os "vigilantes-gorilas" deverão agir segundo ordens dos CEs e ser seus colaboradores directos na manutenção da "ordem" e da "disciplina" que eles pretendem impôr-nos

As autoridades académicas começam a perder definitivamente as esperanças de continuar a iludir os estudantes. As duras lutas que temos travado concorreram decisivamente para o seu desmascaramento aos olhos de todos nós. Os CEs são os representantes do Governo na Universidade e não se preocupam (como em tempos afirmavam) em defender os nossos interesses.

Não eram afinal os próprios elementos do CE que, ainda há pouco tempo em Ciências andavam pelos corredores expiando os estudantes, fazendo anotações pidescas, organizando listas para denúncias?

Como combater os Gorilas ?

Os gorilas já existem e até existe também um decreto que legaliza a sua utilização na UNIVERSIDADE. Por isso os estudantes de Lisboa prepararam-se para o seu possível aparecimento em algumas Escolas. Nomeadamente no Técnico Económicas e Medicina realizaram-se já RGAs que adoptaram formas de luta para

os receber (condignamente) no dia em que eles "entrem ao serviço" .

Não obstante a sua força física os Gorilas não são invencíveis. Eles podem ser eficazes contra pequenos grupos de estudantes mas perante a firmeza de centenas de estudantes, devidamente organizados nada podem fazer. É isto que nos mostra também a experiência da sua foga passagem por Ciências no ano passado.

Eles arrancaram cartazes provocaram piquetes, policiaram as salas da Faculdade, tentaram impedir as nossas reuniões.

Como lhes respondemos nós?

Aumentámos o número de cartazes (incluindo cartazes ambulantes e cartazes colocados no teto com balões!), o número de estudantes a participar nos piquetes tornou-se também muito maior, os comunicados foram distribuídos em massa, e finalmente impusémos na prática a realização das reuniões convocadas assim como o cumprimento integral das decisões que nelas foram tomadas.

E isto foi possível graças a uma organização em massa nas Comissões de Curso, que permitiu a mobilização rápida e eficaz de todos os

GORILAS cont

nos esforços.

Os pides-gorilas acaba - ram afinal por não cumprir as funções para que tinham sido chamados. A sua presença tornou-se totalmente ineficaz e concorreu até para aumentar a indignação dos estudantes e mesmo de alguns professores que aderiram espontaneamente à nossa greve e chegaram a participar nas RGAS.

Em conclusão: quando o

CE verifica que a utilização dos gorilas é completamente inoperante e acaba até por lhe ser desvantajosa, ele só tem uma solução — ceder !

E foi por isso que, poucos dias depois de os terem chamado, o CE "dispensou-os" do seu serviço.

É assim que nós devemos lutar contra eles !

Foi assim que eles saíram de cá.

o que são as aae a AEFCL

continuássemos a desenvolver toda a nossa actividade associativa embora com mais dificuldades, sobretudo técnicas.

Nós não encarámos, portanto, a reabertura das nossas instalações como algo que deveria absorver totalmente as nossas atenções, descurando todos os problemas que nos surgiam. Foi assim que pudemos,

na prática, continuar a lutar pelos nossos objectivos. Foi assim que conseguimos continuar a defender os nossos interesses, obtendo mesmo vitórias tanto nos problemas directamente relacionados com os cursos como noutros (por ex. a expulsão dos gorilas). Na realidade a experiência do ano passado veio confirmar que estávamos certos.

Campeonatos Universitários de Futebol

NAUTICA B - CIÊNCIAS A	1/3/73	22h
UNIV. CATOL - CIÊNCIAS B	1/3/73	17h

ESTADIO UNIV

C U Andebol

MEDICINA - CIÊNCIAS a marcar

AS FOLHAS PERTENCEM aos ESTUDANTES

Os estudantes têm desde sempre afirmado o seu direito à informação, executando-o na prática quer através da sua imprensa, cartazes, entre as nas turmas, quer através das sucessivas distribuições de comunicados à população.

Nas para que tal informação seja na realidade livre e inteiramente controlada pelos estudantes é necessário que estes tenham uma autonomia financeira que lhes permita concretizar na prática esse direito.

É através da prestação de serviços e nomeadamente através da venda das folhas que os estudantes conseguem essa autonomia financeira. É portanto necessário que as folhas pertençam aos estudantes.

Há professores que se dispõem a colaborar connosco promovendo-se a dar-nos os manuscritos para serem editados.

Outros há, porém, que se recusam a tal, editando as suas folhas, ou por entidades que visam o lucro, ou pelos

Serviços Sociais, organismo anti-estudantil criado pelo Governo para asfixiar economicamente as AAEE.

Qualquer destas atitudes tem o mesmo significado pois é estar na prática a impedir o direito à livre informação por parte dos estudantes.

Os SS chegam mesmo a prometer chorudas somas de dinheiro aos profs que lhes entreguem as "folhas" desmarcando-se por completo acerca das suas intenções, ..., e por quem são subsidiados.

Quais são os professores que vendem as suas folhas aos organismos FASCISTAS ?

O Dionísio, o Renato, o Guerreiro (à Editora...), são afinal, (o que os tranha coincidência) os mesmos que denunciaram, os mesmos que são autoritários nas suas aulas, etc etc.

Lutemos pela livre informação, lutando para que as folhas sejam nossas.

chas e "lamechices" aos srs doutores, o que nós quisermos fazer tem que ser conquistado por nós, reunir, decidir, executar, foi uma das coisas mais importantes que aprendemos.

Aprenderos ainda outra coisa, que só organizadamente é que podemos levar para a frente

te as decisões tomadas.

O 2.º Semestre vai começar.

Apesar das suspensões, continuaremos a defender os nos sos interesses, mais organizados ainda do que antes.

REUNIR-DECIDIR-EXECUTAR
É assim que lutaremos no 2.º Semestre!

CDUL

o subsídio ainda não foi concedido!

O CDUL (Clube Desportivo Universitário de Lisboa) é o centralizador de todo o desporto a nível Universitário.

Assim, mantém não só equi pas universitárias mas também equi pas federadas (que jogam com os Benficas e os Sportings nos campeonatos nacionais).

Normalmente, é-lhe concedido anualmente um subsídio pela Secretaria de Estado da Juventude e Desportos. Este ano, o subsídio não lhe foi concedido. Porquê?

Vejamos qual tem sido a actividade do CDUL. Desde 68 que a Direcção deste organismo é proposta pelas Associações de Estudantes. As anteriores direcções - constituídas por estudantes affectos ao Governo, preocupavam-se com a "técnica"; com as equipas "federadas" - aquelas que aparecem nos jornais. A partir daí, as direcções passa-

ram a dedicar a sua atenção ao desporto dito Universitário, a incentivar o aparecimento de mais estudantes a praticar desporto, par e par com a discussão PARA QUE o Desporto, qual a finalidade que o Governo lhe quer dar etc...

Mas, da mesma maneira que o Governo pretende reformar a Universidade, também pretende reformar o desporto. E para ele, reformar o desporto significa tirá-lo do controle dos estudantes, dá-lo aos CE se às Reitorias, e transformá-lo numa actividade de exacerbação do individualismo e não numa forma de convívio, transformá-lo numa fábrica de campeões que dará pelo mundo fora uma ideia de que em Portugal também se pratica desporto...

Sem o subsídio, os empregados do CDUL estão sem receber há 5 meses...

Lutemos para que os estudantes continuem a dirigir o desporto que querem fazer.

NOTICIÁRIO FEDERATIVO (cont)

maeesl

te momento ao MAEESL - devido ao trabalho feito até agora - permite que se façam eleições em que os estudantes participem.

PASSOS MANUEL

Neste Liceu tem havido várias de estudantes, em que se repudiaram as suspensões de 15 colegas, e se decidiu

que a sala de Canto Coral passasse a servir para reuniões associativas, e se exigiu a liberdade de distribuição de comunicados e afixação de cartazes.

Neste Liceu há dois processos-crime.

Em vários Liceus, têm-se feito greves de turma contra as medidas repressivas das autoridades.

MEDICINA

Continua a manter-se a greve de zelo votada e aprovada pelos estudantes desta Faculdade em RGA, onde se discutiram e aprovaram várias moções e uma proposta, sendo esta de Greve Geral, no dia seguinte, como manifestação contra a legalização dos piores-gorilas (vigilantes) e, ainda, contra os sucessivos assaltos organizados pe-

la PIDE às instalações da AE onde resultou o roubo de 2 copiôgrafos e o estrago de 1 off-set, cujo preço orçava em 200 Contos. As moções aprovadas, saudavam a vitória do povo do Vietnam e condenavam o assassinio do dirigente Guineense Amilcar Cabral.

ECONÓMICAS

A semelhança das manifestações de indignação surgidas em várias escolas, pela recente oficialização dos piores-gorilas, agora com o pomposo nome de "vigilantes", também em Económicas se verificou a repulsa levantada por

mais esta medida repressiva governamental. Assim, em RGA, os estudantes desta Faculdade decidiram realizar imediata concentração quando se notasse a existência de qualquer um destes "vigilantes".

NOTICIÁRIO FEDERATIVO

TÉCNICO

No dia da última RGA, sobre a questão dos vigilantes de que demos notícia no n.º 22 do Improp das Informativas, o Director Sales Luís pôs a circular no Instituto uma nota sua, bastante significativa, em que declarava não achar necessário, por enquanto, aumentar o número de contínuos atendendo a que se mantinha o "clima de compreensão e respeito mútuos". Isto uns dias depois de uma concentração com cerca de 800 estudantes o ter "entaldado" com algumas perguntas "incomodas" e de "difícil resposta" e uns dias antes de os seus alunos de uma turma do 3.º Ano de Electricidade terem abandonado a sua aula e le não aceitar que estes discutissem nela a questão dos testes e a do funcionamento das aulas de Física. Este aparente paradoxo compreende-se facilmente "traduzindo" o que o Director queria dizer - atendendo a que os estudantes se encontram mobilizados e atentos à possível entrada dos "vigilantes"-gorilas o melhor é não os chamar já pois estes arriscar-se-iam a ter uma estadia no Técnico demasiado breve e ... de triste memória!

Entretanto, têm-se realizado Reuniões de Curso que aprovaram, na generalidade, testes a todas as cadeiras, depois de as Comissões de Curso terem promovido discussões nas turmas, sobre esta questão. O Director que, inicialmente, pretendia impor os exames finais, como forma única de avaliação de conhecimentos, acabou (após uma certa "resistência") por ter que aceitar a decisão das Reuniões de Curso.

Algumas das Reuniões de Curso aprovaram ainda que as suas C.C. não ser iam eleitas, mas sim abertas à participação de todos os estudantes.

MAEESL (ensino secundário)

No MAEESL, (e pela primeira vez, este ano), vai haver eleições, para a Direcção, abertas a todos os estudantes.

No dia 25 vai haver uma Assembleia Geral (AG) do Ensino Secundário, em Económicas, para abrir e marcar o Período Eleitoral.

O apoio que os estudantes do Ensino Secundário dão, mas
(continua na pag 15)